

Resenha do livro

Schneider, Ben Ross (2013), *Hierarchical Capitalism in Latin America – Business, Labor and the Challenges of Equitable Development*, Cambridge: Cambridge University Press

Kleber Chagas Cerqueira⁷⁶

RESUMO

O livro do Professor Ben Ross Schneider, *Hierarchical Capitalism in Latin America – Business, Labor and the Challenges of Equitable Development*, procura aprimorar o referencial teórico explicativo das Variedades de Capitalismo (VoC, da sigla em inglês). A tese central do livro é a de que a América Latina tem uma forma peculiar e duradoura de capitalismo hierárquico, caracterizada pela combinação de corporações multinacionais, grupos empresariais diversificados, baixa qualificação e mercado de trabalho segmentado. O livro aborda as raízes históricas e as complementaridades institucionais que tornam difícil escapar do perverso equilíbrio que constitui a armadilha da baixa qualificação. Trata-se de importante contribuição para o avanço desse programa de pesquisa no âmbito da economia política e entre cientistas sociais devotados ao estudo do capitalismo na América Latina.

Palavras-chave: Variedades de Capitalismo, Capitalismo Hierárquico, Corporações, Qualificação, Desenvolvimento.

RESUMEN

El libro del profesor Ben Ross Schneider, *Hierarchical Capitalism in Latin America – Business, Labor and the Challenges of Equitable Development*, busca aprimorar el referencial teórico explicativo de las Variedades de Capitalismo (VoC, por su sigla en inglés). La tesis central del libro es la de que América Latina tiene una forma peculiar y duradera de capitalismo jerárquico, caracterizada por la combinación de corporaciones multinacionales, grupos empresariales diversificados, baja calificación y mercado de trabajo segmentado. El libro aborda las raíces históricas y las complementaridades institucionales que hacen que sea difícil escapar del perverso equilibrio que constituye la trampa de la baja calificación. Se trata de importante contribución para el avance de tal programa de investigación dentro de la economía política y entre científicos sociales devotados al estudio del capitalismo en América Latina. Palabras clave: Variedad de Capitalismo, Capitalismo Jerárquico, Corporaciones, Calificación, Desarrollo.

ABSTRACT

The book by Professor Ben Ross Schneider, *Hierarchical Capitalism in Latin America - Business, Labor and the Challenges of Equitable Development*, seeks to improve the explanatory theoretical framework of capitalism varieties (VoC). The book's central theme is that Latin America has a peculiar and lasting form of hierarchical capitalism, characterized by the combination of multinational corporations, diversified business groups, and low-skilled and segmented labor market. The book covers the historical roots and institutional complementarities that make it difficult to escape the perverse balance that is the low-skill trap. It is a major contribution to the advance of this research program within the political economy and among social scientists devoted to the study of capitalism in Latin America.

⁷⁶ Licenciado em História (1988), Mestre em Ciência Política (2010) e Doutorando em Ciência Política (2011-2015) pela Universidade de Brasília-UnB. Contato: kleberch@unb.br

Keywords: Varieties of Capitalism, Hierarchical Capitalism, Corporations, Qualification Development.

O livro do Professor Ben Ross Schneider, *Hierarchical Capitalism in Latin America – Business, Labor and the Challenges of Equitable Development*, coroa um esforço de ao menos uma década na tentativa de aprimorar o referencial teórico explicativo das Variedades de Capitalismo (VoC, da sigla, em inglês, para Varieties of Capitalism), representando importante contribuição para o avanço desse programa de pesquisa no âmbito da economia política e, de modo mais amplo, entre aqueles cientistas sociais devotados ao estudo do desenvolvimento capitalista na América Latina.

Com efeito, desde seu “*Business Politics and the State in Twentieth-Century Latin America*”, de 2004, Schneider já se utilizava da noção de “economias coordenadas de mercado”, proveniente da literatura sobre Variedades de Capitalismo, para apoiar sua discussão sobre Estado e corporativismo na América Latina e sua tese de que associações empresariais fortes contribuem para melhor governança econômica e para maior governabilidade democrática.

A literatura sobre Variedades de Capitalismo-VoC desafia a interpretação convencional sobre uma suposta convergência institucional proporcionada pelo desenvolvimento capitalista e rejeita a existência de uma única trajetória possível para esse desenvolvimento. Essa literatura salienta, ao contrário, a realidade historicamente verificada de ambientes institucionais distintos que levaram diferentes tipos de capitalismo a desempenhos econômicos muitas vezes até mais exuberantes do que os vivenciados nos países que serviram de base ao chamado “modelo clássico” do capitalismo liberal de mercado. Resumindo: não há uma forma única de capitalismo, nem uma única trajetória possível para o desenvolvimento capitalista⁷⁷.

Essas diferenças são classificadas em dois modelos: as economias liberais de mercado (representadas por Reino Unido e EUA) possuem mercados de capital e de

⁷⁷ Embora se trate de uma abordagem ancorada na Economia Política Comparativa Clássica, a obra seminal dessa literatura (VoC) é Hall e Soskice (2001). O desdobramento do debate pode ser acompanhado em Sheahan (2002), Crouch (2005), Streeck e Yamamura (2005), Martínez (2009) e Schneider (2008 e 2009). No Brasil, a primeira obra a adotar de modo abrangente essa abordagem é Boschi (2011), que reúne pesquisas oriundas do Núcleo de Estudos do Empresariado, Instituições e Capitalismo – NEIC/IESP/UERJ.

trabalho fluidos e livres de regulamentações, com relações competitivas entre empresas e formação de preços exclusivamente pela sinalização do mercado. Já nas economias coordenadas de mercado (cujo modelo é a Alemanha) prevalecem relações não mercantis de colaboração e de compromisso entre empresas e demais agentes econômicos, do que derivam diferentes tipos de comportamentos das empresas e padrões de investimento. Ou seja, diferentes ambientes institucionais criam diferentes incentivos para os agentes econômicos, produzindo, portanto, políticas e resultados econômicos diferentes.

A ideia original de Schneider foi perceber e apontar a lacuna desse inovador referencial teórico e explicativo no que respeita a sua aplicação ao contexto latino-americano. Uma vez que aqui não se verificam as características definidoras dos tipos ideais de ambientes institucionais presentes no capitalismo dos países avançados, caberia à agenda de pesquisa construir novas categorias capazes de explicar satisfatoriamente a realidade da América Latina. É a isso que se dedica Schneider em seu novo livro, ao conceber a categoria de economia hierárquica de mercado ou capitalismo hierárquico.

Uma crítica que a aplicação de uma categoria tão ampla ao heterogêneo conjunto dos países da região enseja é a de desconsiderar especificidades e mesmo diferenças significativas em tamanho, grau de desenvolvimento e características institucionais. Sobre isso, Schneider avisa, logo de início, que sua intenção não é colocar uma camisa de força conceitual nessa diversidade, mas justamente abrir o leque de possibilidades conceituais latente na agenda de pesquisa das Variedades de Capitalismo, induzindo ao seu avanço e refinamento, de modo a ser cada vez mais apropriado à compreensão da realidade da região.

Mas não deixa de observar o fato impressionante de que apesar de todas as imensas diferenças, no que se refere às quatro características centrais do capitalismo hierárquico, permanecem profundas similaridades entre os maiores e mais ricos países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México.

Um aspecto crucial nessa abordagem é a centralidade das empresas (firmas) na análise. Elas são tomadas como unidade explicativa principal, numa visão relacional que identifica esferas de coordenação: relações industriais, vocacionais/educacionais, governança corporativa, inter-firmas e das firmas com os empregados.

O autor está consciente de que a aplicação dessa abordagem ao estudo do desenvolvimento na América Latina desafia as agendas de pesquisa tradicionais, que colocam o Estado e suas capacidades no centro da investigação. Por conta justamente dessa ênfase das agendas de pesquisa dominantes, destaca que sabemos hoje muito mais sobre o Estado latino-americano, sua formação e características, que sobre as bases em que as grandes empresas operam, elaboram suas estratégias, contratam, inovam e treinam seus trabalhadores.

Para Schneider, as agendas de pesquisa tradicionais comumente se dividem em dois principais grupos de abordagens: as internacionalistas e as estatistas. Entre as primeiras se situam as diversas teorias dependentistas das décadas de 1960 e 1970 que argumentavam que os laços econômicos internacionais criaram uma forma atrofiada de capitalismo com limitadas possibilidades de desenvolvimento autônomo, dando pouca atenção aos arranjos domésticos de economia política.

Já a partir dos anos 1980 e 1990, com as reformas liberais, a pesquisa sobre a economia política da América Latina passou a concentrar-se nas mudanças do papel do Estado e nas novas formas de intervencionismo introduzidas por governos da nova esquerda na primeira década deste século, uma agenda que tendeu a superestimar as mudanças no âmbito do Estado e a obscurecer o papel de agentes econômicos cruciais: empresas e trabalhadores.

Em esforço para superar essas limitações, o livro focaliza as permanências nos padrões de organização e de comportamento de empresas e do trabalho, desenvolvendo quatro hipóteses principais: (1) a América Latina tem uma forma peculiar e duradoura de capitalismo hierárquico, caracterizada pela dominância combinada de corporações multinacionais, grupos empresariais diversificados, baixa qualificação da força de trabalho e mercado de trabalho segmentado; (2) complementaridades institucionais se conjugam com características de governança corporativa e mercados de trabalho, contribuindo para a resiliência do capitalismo hierárquico; (3) elementos do sistema político favorecem governantes e aliados, que pressionam para manter as instituições econômicas centrais; e (4) o capitalismo hierárquico não gerou suficientes empregos de boa qualidade nem desenvolvimento equitativo, nem tem probabilidade de fazê-lo.

As características mais salientes da maioria dos grandes grupos empresariais da América Latina são: (1) ampla diversificação em empresas subsidiárias que

frequentemente têm pouca ou nenhuma relação mercadológica ou tecnológica entre si; (2) mantêm controle hierárquico direto sobre dezenas de empresas separadas; (3) pequeno número desses imensos grupos responde por largas fatias das atividades econômicas nacionais, chegando, por vezes a representar mais de metade do PIB; e (4) são de propriedade e administração familiar, comumente ao longo de várias gerações.

Schneider observa que enquanto as outras variedades de capitalismo caracterizam-se por uma única forma dominante de governança corporativa, as grandes companhias na América Latina dividem-se em grupos domésticos e multinacionais. Estas representam o peso dos investimentos estrangeiros diretos na região, que respondia, na década de 1990, em média, por 16% do PIB nos maiores países, percentual que no caso da Coreia não chegava a 2%. No capitalismo hierárquico os grandes grupos empresariais familiares diversificados e as corporações multinacionais constituem os canais chave para o acesso a capital, tecnologia e mercados, e o resultado das reformas liberais dos anos 1990 foi a expansão da hierarquia corporativa, com a substituição do planejamento estatal da economia pelo planejamento derivado das estratégias corporativas.

As relações de trabalho na América Latina são atomizadas: a maioria dos trabalhadores têm vínculos fluidos e efêmeros com as empresas e com os demais trabalhadores, por meio de sindicatos. Ao comparar as características dos mercados de trabalho nas diferentes variedades de capitalismo, Schneider mostra que o tempo médio de permanência no emprego é menor na AL do que nas economias liberais e nas coordenadas de mercado: 3 anos, contra 5 e 7,4, respectivamente. Ademais, a densidade sindical, medida pelo percentual da força de trabalho sindicalizada, é significativamente menor e os próprios sindicatos bem mais fracos, praticamente inexistindo representação sindical por local de trabalho. E embora as economias latino-americanas apresentem legalmente um grau mais elevado de regulamentação do trabalho, essa regulamentação não alcança a maior parte da força de trabalho, situada no setor informal da economia.

Os baixos níveis educacionais e de qualificação da força de trabalho historicamente verificados na América Latina, em comparação com os países desenvolvidos, são outra característica que, por sua persistência, integra o conjunto das instituições centrais do capitalismo hierárquico. Como os governos da região, em geral, gastam pouco com treinamento de trabalhadores desempregados, os problemas nas

relações de trabalho e na sua qualificação explicam boa parte do atraso persistente da América Latina em termos de produtividade do trabalho.

Para entender a persistência dessas características do capitalismo hierárquico, é preciso examinar as complementaridades institucionais entre elas. Nesse sentido, Schneider mostra que no curso da segunda metade do século XX a presença das corporações multinacionais na indústria de alta tecnologia desestimulou os grandes grupos domésticos a investirem nesses setores, ao tempo em que os estimulou a se concentrarem em segmentos de menor exigência de qualificação e tecnologia, como recursos naturais, commodities e serviços.

Por outro lado, a concentração das multinacionais em segmentos capital-intensivos nunca gerou demanda de mão-de-obra qualificada em grandes proporções e a concentração dos grupos domésticos em setores trabalho-intensivos desestimulou a adoção de políticas de investimento em qualificação ou em pesquisa e desenvolvimento.

O mesmo efeito é produzido pela alta rotatividade e baixa permanência no emprego: geram baixos incentivos aos empregadores para investirem na qualificação da força de trabalho. Por sua vez, a inexistência de grande disponibilidade de trabalhadores qualificados desencoraja os empresários a investirem em modernizações tecnológicas ou em setores de alta tecnologia, ocasionando assim um círculo vicioso perverso: o equilíbrio da baixa qualificação, uma das características distintivas do capitalismo hierárquico.

Também o sistema político opera no sentido de reforçar as características dessa variedade de capitalismo, tanto ao produzir uma burocracia muito permeável quanto pela fragmentação do sistema partidário, o que facilita o acesso direto e a influência de grupos empresariais e sindicatos sobre o governo e o parlamento para obter políticas públicas mais vantajosas.

Ao mesmo tempo em que opera no nível das instituições, a abordagem de Schneider procura avançar em relação às análises institucionais comparativas e históricas que, apoiadas na tradição que remonta à obra seminal de Douglass North, concentram-se nas instituições (regras do jogo), mas negligenciam os jogadores (organizações) – como as empresas –, considerados automaticamente adaptados ou meros reflexos das regras. Diferentemente, Schneider traz os atores sociais (grupos empresariais) para o centro de seu quadro explicativo, com a advertência de que as

organizações, em geral, na América Latina, são frequentemente híbridas, complexas, inter-relacionadas e politizadas, o que requer um conjunto bem mais amplo de ferramentas analíticas para sua compreensão.

O livro faz uma análise comparativa das tendências recentes em quatro países: o México, que juntamente com a Colômbia fornece o melhor exemplo de continuidade nas características do capitalismo hierárquico, a Argentina, que se distancia desse tipo ideal por conta do colapso de muitos de seus grupos empresariais e do fortalecimento do sindicalismo a partir dos Kirchner, e, de outro lado, Brasil e Chile, que a partir da primeira década do século apresentaram grande potencial para escapar da armadilha da renda média e da baixa qualificação, em parte pelo uso de políticas de tecnologia e educação para enfrentar as complementaridades negativas do capitalismo hierárquico.

Com relação ao Brasil, Schneider vê avanços da primeira década do século XXI, que fizeram o Brasil responder, em 2011, por 60% dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento na América Latina, bem acima de sua participação de 45% do PIB regional, embora seus níveis de investimento no setor ainda sejam bem inferiores aos verificados entre os países avançados.

Schneider destaca também uma boa dose de fortuna (sorte) neste desempenho, representado pelo boom dos preços das commodities agrícolas e minerais, com forte presença na pauta de exportações brasileiras. Esse boom teve para muitas empresas o efeito de aumentar o incentivo em investimentos trabalho-intensivos, ao mesmo tempo em que desestimulou aprimoramentos tecnológicos, reforçando assim a armadilha da baixa qualificação.

Todavia, algumas empresas aproveitaram o boom para ampliar seus investimentos em pesquisa e desenvolvimento – por exemplo, nos setores de etanol, petróleo, aviação e agricultura –, o que reforçou a demanda por empregados qualificados, numa dinâmica em choque com as complementaridades negativas – o equilíbrio de baixa qualificação – do capitalismo hierárquico.

Schneider aponta que por não ter seguido os mesmos passos ou etapas do desenvolvimento dos países avançados, o capitalismo desenvolve-se diferentemente na América Latina, com distintos fundamentos institucionais – formas corporativas, regulação do trabalho, regimes de qualificação – e as opções de desenvolvimento em

cada conjuntura histórica, na economia globalizada, derivam da interação entre fronteira tecnológica da produção, padrões de comércio e instituições econômicas domésticas.

Nesse sentido, a drástica redução dos custos dos transportes e comunicação e o declínio da demanda nos países desenvolvidos, paralelamente à expansão da demanda dos asiáticos por recursos naturais, em combinação com as instituições econômicas domésticas, produziram na América Latina: desindustrialização, crescimento da produção de commodities, fortalecimento das multinacionais e demais corporações em setores de baixo investimento em tecnologia e continuidade dos empregos de baixa qualificação para a maioria da população.

Disso resulta, na análise, um componente normativo muito interessante. O livro aponta que raramente na história América Latina a criação abundante de empregos de alta qualificação e com boas remunerações foi alvo explícito de políticas de desenvolvimento. E defende que a superação, pelos países da região, da armadilha da baixa qualificação exige que se coloque no centro de qualquer estratégia de desenvolvimento equitativo de longo prazo a questão da qualidade dos empregos, numa perspectiva de reconstrução de complementaridades institucionais que rompa com o equilíbrio perverso da baixa qualificação.

Schneider conclui apontando as vantagens da abordagem comparativa do capitalismo, especialmente na sua versão das variedades de capitalismo: sua maior aderência à realidade institucionalmente diversa do capitalismo no mundo, a visão de conjunto que proporciona das complementaridades institucionais e a contribuição conceitual sobre as fontes dos bons empregos.

Finalmente, sobre o vivo debate atual acerca da origem e da mudança das instituições, Schneider acolhe a visão sobre o peso da herança institucional, a dependência de sua trajetória, na conformação do capitalismo hierárquico na América Latina. Da mesma forma que a pequena propriedade rural e as cooperativas rurais foram as sementes, respectivamente, das economias liberais e das coordenadas de mercado, ele vê a estrutura agrária colonial – latifúndio, escravidão e monocultura exportadora – como a origem mais remota do capitalismo hierárquico.

Mas ao lado dessas raízes mais profundas, vê também o peso das estratégias de desenvolvimento lideradas pelo Estado, que predominaram na maior parte do século XX, encorajando empresas e trabalhadores a priorizar as relações com o Estado ao invés

de coordenação entre eles, uma possibilidade, aliás, muitas vezes vedada pela própria regulação estatal do trabalho. Ademais, a segmentação do mercado de trabalho resultante dessas regulamentações fortaleceu os grupos empresariais que, por sua vez, pressionaram continuamente os governos a manterem as instituições centrais do capitalismo hierárquico.

Em suma, trata-se de uma contribuição importante para a reflexão sobre os limites e possibilidades do desenvolvimento dos países da América Latina. Especialmente daqueles que a partir da primeira década deste século viveram a experiência, em alguns casos inédita, de governos de esquerda populares, eleitos sob o signo do enfrentamento e da superação daquelas estruturas arraigadas de desigualdade social. Um passado que, apesar de significativos progressos, parece teimar, renitentemente, em escravizar o presente do continente.

A compreensão das contradições e impasses políticos vividos por esses países tem muito a se beneficiar de um quadro analítico que dá atenção às estruturas profundas de uma variedade de capitalismo hierárquico, em que as principais complementaridades institucionais se dão no sentido de perpetuar a armadilha da baixa qualificação dos trabalhadores e o predomínio de grandes grupos econômicos desinteressados na realização de reformas estruturais de cunho distributivo.

Data de emissão: 21 de Outubro de 2014

Data de aprovação: 28 de Março de 2015

Referências

BOSCHI, Renato. *Varietades de Capitalismo, Política e Desenvolvimento na América Latina*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2011.

CROUCH, C. *Capitalist diversity and change*. Oxford, Oxford University Press, 2005.

HALL, P. et SOSKICE, D. Introduction to varieties of capitalism in Hall, P. et Soskice, D. (edit.) “Varieties of Capitalism: the institutional foundations of comparative advantage”. Oxford, Oxford University Press, 2001.

MARTÍNEZ, J. et al. “Latin American capitalism: economic and social policy in transition”, in *Economy and Society*, Vol. 38, Number 1, February 2009. 1 – 16.

SCHNEIDER, B. R. “Comparing capitalisms: Liberal, Coordinated, Network, and Hierarchical Varieties”. *Working Paper*, March 2008.

_____. “Hierarchical market economies and varieties of capitalism in Latin America”, in *Journal of Latin American Studies*, Vol. 41, 553-575, 2009.

SHEAHAN, J. “Alternative Models of Capitalism in Latin America”, in HUBER, E. (edit.) *Models of Capitalism: lessons for Latin America*, University Park, Pennsylvania State University Press, 2002.

STREECK, W. et YAMAMURA, K. *The origins of nonliberal capitalism: Germany and Japan in comparison*, Cornell University Press, 2005.